

**PREDICADOS COMPLEXOS****KRAUSE, Andressa Harms<sup>1</sup>; CARDOSO, Paula Fernanda Eick<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Letras – Português e Francês e Respectivas Literaturas da UFPel;  
andressahkrause@hotmail.com

<sup>3</sup>Doutora em Letras; professora de Sintaxe no Centro de Letras e Comunicação/CLC/UFPel;  
paulaeick@terra.com.br

**1 INTRODUÇÃO**

As orações são organizadas em torno de verbos. Eles selecionam os elementos que desempenham as funções sintáticas de sujeito e, quando necessário, de complemento verbal. A título de exemplo, observemos as frases em (1).

- (1) (a) ?? A porta falou.  
(b) \*João disse.

Embora sob índices diversos, as frases acima são inaceitáveis. E essa avaliação resulta em (1a) da incompatibilidade existente entre o sujeito “a porta” e o verbo “falar” – o verbo exige um sujeito com traços humanos, os quais não são observados no objeto “porta” – e, em (1b), a agramaticalidade é provocada pela ausência de um complemento exigido pelo verbo “dizer”. Portanto, como podemos observar, o verbo desempenha um papel primordial na organização dessas orações. A questão que se coloca neste trabalho, entretanto, diz respeito à identificação das orações nas frases em que constatamos a sequência de dois ou mais verbos. Observemos os exemplos mencionados em (2).

- (2) (a) João vai comprar um livro.  
(b) João trabalha vendendo cimento.

A frase (2a) apresenta os verbos “ir” e “comprar”; já a frase (2b), os verbos “trabalhar” e “vender”. De acordo com Pasquale (2002), em (2a), temos uma única oração formada por uma locução verbal, cujo verbo principal é “comprar”; é ele, portanto, que seleciona o sujeito e o complemento verbal. O verbo “ir” é o auxiliar e, dentre as suas atribuições, está a concordância em número e pessoa com o sujeito. Em (2b), há duas orações: uma organizada em torno do verbo “trabalhar” e a outra em torno do verbo “vender”. Nesta frase, a primeira oração tem o elemento “João” como sujeito e não há complemento verbal, porque “trabalhar” é intransitivo neste contexto. A segunda oração de (2b) apresenta a posição de sujeito vazia, a qual está coindexada ao sujeito do verbo “trabalhar”, e o complemento é “cimento”.

Estruturas sintáticas semelhantes àquelas apresentadas em (2) têm representado dificuldades importantes para os jovens que concluem o ensino médio. Em uma análise preliminar de redações que integram o “Banco de textos constituído por redações do vestibular da UFPel” encontramos casos tais como os mencionados a seguir.

- (3) (a) “Iremos agora refletirmos sobre os vários tipos de violência que ocorrem nas escolas e, a qual muitas vezes passam despercebidas ao (sic) olhos dos educadores.”  
(b) “... muitas vezes crianças pequenas de escolinhas infantis dizem aos pais que gostariam de serem brancos quando se tornarem adultos...”

As frases em (3) foram encontradas em textos produzidos para o Vestibular de Verão 2007 da UFPel. Esse concurso selecionava os candidatos que passariam a integrar o corpo discente desta instituição de ensino. Portanto os candidatos

estavam submetidos a uma situação de uso extremamente monitorado de linguagem, em que não apenas o conteúdo das redações era avaliado, mas também a própria forma de expressão.

Apesar disso, os candidatos produzem, depois de pelo menos onze anos de instrução formal, estruturas do tipo: “iremos agora refletirmos” e “gostariam de serem”. Tais construções parecem estranhas, pois são diferentes daquelas esperadas, quais sejam, “iremos agora refletir” e “gostariam de ser”. Como podemos observar, há nessas construções uma seqüência de dois verbos. Em (3a), “ir” e “refletir” e, em (3b), “gostar” e “ser”. Para compreendermos as razões da avaliação negativa das frases em (3), precisamos verificar se há em tais casos locuções verbais ou orações distintas, uma vez que os verbos apresentam comportamentos diferentes em cada uma dessas situações.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A presente análise toma por base cinquenta textos produzidos por candidatos ao Vestibular de Verão da UFPel. Pretende-se verificar se os candidatos são capazes de identificar as locuções verbais existentes na língua portuguesa e se aplicam devidamente a concordância verbal nesses casos - fator importante na construção do significado do texto. Além disso, pretende-se estudar as possíveis razões linguísticas que promoveram o surgimento das estruturas em questão, a fim de oferecer futuramente à comunidade escolar um retrato do conhecimento linguístico internalizado pelos alunos ao longo de suas vivências familiares, sociais e escolares, bem como fundamentação teórica que permita aos professores da rede escolar de ensino fundamental e médio compreender tal conhecimento.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vejamos, então, o que diz Castilho (2010) sobre a questão. O autor apresenta um conjunto de testes que permitiriam a identificação dos verbos auxiliares e, conseqüentemente, das locuções verbais. O primeiro teste consiste na identificação do sujeito da expressão, visto que, segundo o autor, quando dois verbos ocorrem em adjacência e selecionam o mesmo sujeito, há uma locução verbal, como podemos observar em (4).

- (4) (a) O mensageiro tinha saído.  
(b) As grades da cadeia foram serradas pelos presos.  
(c) Carlos começou a andar direito.

“O mensageiro” é o sujeito de “tinha saído” em (4a); o constituinte “as grades da cadeia” é o sujeito de “foram serradas”, e “Carlos” é o sujeito de “começou a andar”. Há, por conseguinte, locuções verbais em (4a,b,c).

O segundo teste proposto por Castilho consiste no reconhecimento do escopo da negação. Se a negação atua sobre os dois verbos, e não sobre apenas um deles, temos uma locução verbal. Observemos os exemplos em (5) e em (5’).

- (5) (a) O mensageiro não tinha saído.  
(b) As grades da cadeia não foram serradas pelos presos.  
(c) Carlos não começou a andar direito.

- (5’) (a) \*O mensageiro tinha não saído.

(b) \*As grades da cadeia foram não serradas pelos presos.

(c) Carlos começou a não andar direito.

Os exemplos em (5) e (5') ratificam que as estruturas “tinha saído” e “foram serradas” são realmente locuções verbais, visto que, além de compartilharem o mesmo sujeito, a negação incide sobre os dois verbos, ou seja, não é possível negar só o segundo verbo. O mesmo, no entanto, não é verdade para “começou a andar”, pois, embora compartilhem o mesmo sujeito em (4c), a negação pode atuar apenas sobre o segundo verbo. Isso seria um indício de que a estrutura “começou a andar” não seria uma locução verbal.

Perini (2006), por sua vez, afirma que “começar a” é auxiliar, além de outros verbos tradicionalmente chamados “modais” e “aspectuais”, tais como “poder”, “dever”, “acabar de”, “deixar de”, “continuar a”, “ter de/que” e “haver de/que”. Cabe notar aqui que o teste do escopo da negação proposto por Castilho excluiria todos eles desta classificação. Vejamos alguns exemplos.

(6) (a) Hoje eu devo não sair de casa.

(b) Carlos continua a não atender aos meus telefonemas.

Não há, portanto, um consenso entre os estudiosos do assunto sobre a identificação das locuções verbais. Aliás, isso é devidamente discutido por Castilho (2010) no levantamento que realizou sobre o tratamento dado por gramáticos às locuções verbais. Dentre outras coisas, ele constatou que há maior consonância entre os gramáticos quando o particípio segue a um outro verbo, o mesmo não pode ser dito sobre os casos em que o gerúndio ou o infinitivo seguem a um outro verbo.

O terceiro teste mencionado por Castilho trata das alterações semânticas percebidas no verbo auxiliar. Ele diz que há locuções nas quais o sentido do verbo auxiliar é preservado, e outras em que o sentido desse verbo é alterado. Observemos as frases abaixo.

(7) (a) João vai caminhar até o centro da cidade.

(b) João tem lido o livro.

Em (7a), os verbos “ir” e “caminhar” expressam ideia de movimento; logo o significado do verbo auxiliar foi preservado. Em (7b), por outro lado, há um esvaziamento semântico do verbo auxiliar, visto que não aparece a ideia de posse normalmente contida no verbo “ter”.

Castilho afirma, entretanto, que os testes não esclarecem de forma definitiva os mistérios existentes em torno das locuções verbais. Eles apontam apenas para a existência de diferentes graus na transformação de certos verbos plenos em verbos auxiliares. Segundo Castilho, há uma razoável convicção de que são auxiliares os seguintes verbos:

(8) (a) “ser”, “estar”, “ter”, “haver” + particípio

(b) “estar” + gerúndio

(c) “ir” + infinitivo

Já os verbos “voltar a”, “tornar a”, “querer”, “dever”, “começar”, “continuar” + infinitivo seriam formas verbais contíguas pertencentes a orações distintas.

Perini (2006) apresenta uma proposta diferente. Ele diz que o núcleo do predicado é o elemento que faz exigências quanto aos complementos que o podem acompanhar na oração. Nesse caso, na oração “Sarita está dormindo”, a função de núcleo do predicado é desempenhada por “dormindo”, uma vez que a transitividade da sequência “está dormindo” é idêntica à do verbo “dormir” sem auxiliar. O elemento conjugado “está” é irrelevante para efeitos de escolha de complementos. Os verbos que funcionam dessa maneira são denominados auxiliares. Para Perini, são auxiliares os seguintes verbos:

- (9) (a) “ir” + infinitivo  
(b) “ter”, “haver” + particípio  
(c) “estar”, “vir”, “ir”, “andar” + gerúndio  
(d) “ser”, “estar” + particípio  
(e) “poder”, “dever”, “acabar de”, “deixar de”, “começar a”, “continuar a”, “ter de/que”, “haver de/que” + infinitivo

Como podemos observar, Castilho e Perini concordam, embora não plenamente, na identificação dos verbos auxiliares. Retomemos agora os casos apresentados em (3) e repetidos abaixo.

- (10) (a) “Iremos agora refletirmos sobre os vários tipos de violência que ocorrem nas escolas e, a qual muitas vezes passam despercebidas ao (sic) olhos dos educadores.”  
(b) “... muitas vezes crianças pequenas de escolinhas infantis dizem aos pais que gostariam de serem brancos quando se tornarem adultos...”

De acordo com os autores acima estudados, em (10a), há uma locução verbal, formada pelo verbo “ir” + infinitivo. Nesse caso, o auxiliar sofre flexão de tempo e modo, determinada pelo próprio contexto comunicativo, bem como flexão de número e pessoa, o que lhe permite estabelecer concordância com o sujeito da oração. O segundo verbo, por sua vez, permanece no infinitivo. O candidato, entretanto, desrespeita as regras gramaticais da língua portuguesa e flexiona, de forma inesperada, o verbo “refletir”.

Ainda segundo esses mesmos autores, podemos concluir que não há em (10b) locução verbal. “Gostar de” e “ser” seriam formas verbais contíguas pertencentes a orações distintas. Resta-nos tentar explicar, portanto, as razões para o estranhamento percebido em torno da referida construção. Pasquale (2002) diz que, quando o infinitivo tem o mesmo sujeito do verbo da oração principal, ele não deve sofrer flexão de número e pessoa. Observemos o exemplo abaixo.

- (11) João e Maria desejam assistir ao filme.

No exemplo acima, o constituinte que desempenha a função de sujeito do verbo “desejar” e o mesmo que desempenha a função de sujeito de “assistir”. Melhor dizendo: na função de sujeito de “assistir” aparece uma categoria vazia a qual está coindexada ao sujeito da oração principal. Isso é o que deveria ocorrer no exemplo (10b). Entretanto, o candidato estabelece uma concordância desnecessária com o sujeito da oração matriz.

#### 4 CONCLUSÃO

Os fenômenos observados em (10) podem estar associados a alguma mudança na estrutura sintática da língua portuguesa. Segundo Bagno (2002)<sup>1</sup>, o português brasileiro está se transformando em uma língua em que a explicitação do sujeito se torna cada vez mais exigida, num processo que caminha (ao que tudo indica) rumo à obrigatoriedade dessa presença. Cada vez mais os verbos aparecem acompanhados de seu sujeito.

Assim, na sintaxe brasileira, aumenta progressivamente a tendência a não se deixar nenhum verbo sozinho, desacompanhado de seu sujeito, mesmo quando esse verbo é um infinitivo tradicionalmente classificado de impessoal.

<sup>1</sup> BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Ática, 2002.

Os brasileiros parecem, portanto, buscar dentro das frases um possível sujeito para o infinito, fazendo-o concordar em número e pessoa com esse constituinte.

A tentativa de descrever e explicar o conhecimento de linguagem internalizado pelos candidatos ao vestibular é de fundamental importância para que a universidade possa oferecer futuramente à comunidade escolar um retrato do conhecimento linguístico de seus alunos, bem como fundamentação teórica que lhe permita compreender tal conhecimento.

## 5 REFERÊNCIAS

- PERINI, M.A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2006.
- CASTILHO, A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BAGNO, M. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001.
- PASQUALE, C. N. & INFANTE, U. **“Gramática da Língua Portuguesa”**. São Paulo: Scipione, 1997 .